

# C O N F I S S Ã O

D E

F É

por Abel Salazar.

**A** finalidade da vida não é outra senão o *acto* de viver: para o homem e para a humanidade. Por grande que seja o interêsse do artista na sua obra já realizada, êste interêsse nada é ante a intensidade polarizante do *acto* que a gerou. É êste que apaixona o artista, que o faz viver, sofrendo, exultando, gerando a sua obra na volúpia da dor, na euforia ou no desespero. Gerada a obra, a obra está morta; perdeu o interêsse vital; é apenas um interêsse de curiosidade, um objecto de critica, uma causa de satisfação ou de arrelia, mas que, como interêsse vital, não existe já. Morreu, passou, é já para o artista, a história e o passado, o *acto* vital consumado e realzado, de que apenas resta a recordação, pungente ou excitante.

O que succede com a obra de arte e com o artista, succede com a vida e com o homem, e com a história. Esta vida, pessoal ou colectiva, todo o viver histórico, da humanidade não tem outra razão de ser fora do próprio *acto de viver*, de gerar, de criar, de sofrer e de amar criando, na caleidiscópia de sentimentos profundos que acompanham o *acto de viver*. Literatura, arte, poesia, ciência, moral, religião; impérios, conquistas, aventuras, descobertas, todo o homem, tôda a história, têm apenas como razão de ser o *acto de viver*. A história é o homem realzado na tendência constante para uma realzação integral: e nesta tendência para a realzação integral reside tôda a finalidade histórica positiva.

Mesmo quando gera religiões e miragens, e projecta as suas ambições para qualquer Além fantasmagórico, e architecta utopias sem nexó e sem fim, com a candura da grande puerilidade colectiva, é ainda, afinal, e sempre, o *acto de viver* a razão de ser real dêstes fenómenos. O místico, no fundo, vive da sua mística, e do *acto* intenso da sua gestação: e uma vez *definida*, uma vez realzada em traços nítidos, qualquer mística, está por isso mesmo finda e morta.

O próprio asceta, e até o mais convicto dos céticos e o mais negro dos pessimistas, vivem do *acto* vital que é para um a ascese, para outro o ceticismo, para outro ainda o pessimismo. Na gestação, realzação, defeza e propaganda dessa ascese, dêsse ceticismo, dêsse pessimismo, está o *acto* que os sustenta e vivifica. Se assim não fôsse êles nada diriam, reduzir-se-iam ao absoluto silêncio. Mas até quando o homem, nos paroxismos de uma crise budista, tudo pretende reduzir ao Silêncio e ao Nirvana, e anular a Emoção como a Razão, e a tudo responder — Nada —, e mesmo coisa alguma responder, — na realzação apaixonada desta negação absoluta, na tentativa de realzação dêste Silêncio, na afirmação dogmática desta Abdicação budista, no esforço tenaz, violento, complexo e exaustivo de conceber o Nirvana — está ainda e sempre um *acto vital* de que vive e para que vive o mais extremista e radical dos budistas.

Os fanáticos do Nada não reparam em que dêsse Nada e para êsse Nada vivem; e que, se algum dia houvesse no mundo um homem real e absolutamente indiferente não faria o apostolado do Nada, mas simplesmente não diria coisa alguma.

Para o budista genuíno o Nada é tudo, e o Budismo tem vivido do Nada, como outros têm vivido do tudo. E sôbre êsse Nada o Budismo construiu apaixonadamente tôda a vida. Todos os pessimistas, de Çakya-Muni a Schonpenhauer, do «Vélho Egício» ao desesperado Nietzsche, de Cristo ao mais moderno dos abdicacionistas, todos têm feito da sua negação o *acto vital* que lhes tem preenchido a vida inteira: e nêsse *acto* reside a essência da sua finalidade real de viver. E vivem êsse *acto* com a mesma intensidade, paixão e energia que o mais sorridente dos otimistas. É que o *acto de viver* é em si independente da positividade ou negatividade dos seus resultados; e como o *acto* é tudo, e o resultado nada, daí resulta que tão intensamente vive o que afirma como o que nega a vida. Assim a história nos mostra o caso paradoxal de um Budismo com seus milhões de adeptos, afirmando através de séculos o seu *acto* vivido, definido no mais desesperado nihilismo: e os mais nihilistas dos seus adeptos não são os menos enérgicos em realizar o seu *acto vital*, mesmo quando todos os seus esforços se pulverizam no aniquillamento da vida. Quando se vive no esforço heróico de não viver, quando se vive em tensão de Nirvana, vive-se um *acto vital* tão intenso como se o ideal fôsse precisamente contrário; e o Budismo, se conseguisse realmente aquilo que aspira a ser, jamais se teria manifestado aos homens. A vida vinga-se assim do próprio homem que a pretende anular; porque no seu esforço, de resto pueril, em a esvaziar da sua substância, ela ressurge mais real do que nunca.

Não receemos, pois, nem as filosofias nihilistas, nem os livros pessimistas, nem os filosofos desesperados; não receemos os gritos lamentosos dos Heraclitos, dos Kierkegaard; não temamos o nosso próprio pessimismo, por mais negro que seja e sombrio. E isto porque sôbre êsse pessimismo o homem acaba sempre por reconhecer a vida, e dêle mesmo fazer um *acto de viver*, uma finalidade.

Pode assim chegar-se, mesmo após a queda no mais negro nihilismo, a atingir o *otimismo estoico* com base *pessimista*, um estoicismo otimista alimentado de pessimismo. O qual apenas em sua aparência é paradoxal; pois na realidade é lógico, humano e natural. Que o fôsse, de resto, — isto é,

(Continua na pág. 15).